
PROJETO MALÉFICO: a sexualização de crianças e o pânico moral difundidos no WhatsApp bolsonarista¹

MALEFIC PROJECT: sexualized children and moral panic widespread in Bolsonarist WhatsApp groups

Guilherme Popolin²

Resumo: Grupos pró-Bolsonaro no WhatsApp representam uma arena profícua para a propagação dos valores do bolsonarismo entre seus interlocutores. À vista disso, neste artigo busca-se averiguar como a população LGBT+ e a “ideologia de gênero” são acionadas nesses espaços, bem como de que modo as diferentes orientações sexuais e identidades de gênero são chaves para a produção de pânico moral. A análise de conteúdo qualitativa revela que, ao mesmo tempo em que os grupos apresentam estratégias de campanha permanente, o teor das mensagens circuladas, quando mencionam assuntos que envolvem a população LGBT+ e a suposta “ideologia de gênero”, induz ao pânico moral, sobretudo, pela associação dessas pautas ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao comunismo.

Palavras-chave: Bolsonarismo. WhatsApp. LGBT. “Ideologia de gênero”. Pânico moral.

Abstract: Bolsonaroist WhatsApp groups represent a fruitful arena for spread Bolsonaroism values among their interlocutors. Therefore, this article seeks to investigate how the LGBT+ population and the “gender ideology” are mobilized in these spaces, as well as how different sexual orientations and gender identities are key to make moral panic. The qualitative content analysis reveals that, at the same time that the groups present permanent campaign strategies, the content of the circulated messages, when mentioning issues involving the LGBT+ population and the supposed “gender ideology”, induces moral panic especially by associating these subjects with the Workers' Party (PT) and communism.

Keywords: Bolsonaroism. WhatsApp. LGBT. “Gender ideology”. Moral panic.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Mídia, gênero e raça da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021.

² Jornalista, doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-UFF). Associado ao Laboratório de Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração (coLAB-UFF) e ao #MUSEUdeMEMES. E-mail: gpopolin@gmail.com.

1. Introdução

Nos últimos anos, partidos e movimentos inclinados à direita tornaram-se protagonistas da trama política brasileira. Apoiando-se em redes on-line (PENTEADO; LERNER, 2018), a direita endossou o descrédito das instituições, o nacionalismo e a moral cristã. Assim como nos Estados Unidos (NAGLE, 2017; LAMERICHES *et al.*, 2018), a internet e as plataformas sociais on-line passaram a representar uma arena profícua para a propagação de pautas contrárias aos ideais de igualdade, direitos humanos e justiça social (SOLANO, 2018; SOLANO; ROCHA, 2019).

Sob uma perspectiva regional, a ascensão da direita na América Latina passou a ser investigada como um fenômeno resultante e antagônico à maré rosa (LUNA; KALTWASSER, 2014), uma vez que, por conta dos desafios impostos pelos governos inclinados à esquerda nos Poderes Executivos, os grupos e partidos inclinados à direita precisaram se reinventar. Nesse contexto, após 2013, movimentos e partidos de direita alavancaram Jair Bolsonaro como um empreendedor moral, que beneficiasse do pânico, e herói antissistema. Foi nas plataformas sociais que Jair Bolsonaro (hoje, sem partido), eleito presidente da república em 2018, cristalizou sua imagem pública (WEBER, 2017; GOMES, 2004) como uma antítese às pautas concernentes à população LGBTQ+ e à “ideologia de gênero” (TREVISAN, 2018).

Durante sua trajetória política, Bolsonaro cultivou uma retórica populista e inflamou o debate pautando-se em apelos morais e conservadores (ROMANCINI, 2018; BALIEIRO, 2018). No WhatsApp, Bolsonaro construiu sua base, subvertendo o modo de realizar campanha eleitoral no Brasil (CRUZ; VALENTE, 2018; CRUZ; MASSARO, 2018). Grupos pró-Bolsonaro, no aplicativo de mensagens, representam um terreno fértil para a propagação dos valores do bolsonarismo entre seus interlocutores. Na eleição de 2018, o WhatsApp operou como uma fonte de imagens que espalhavam desinformação – dentre as quais, ataques aos direitos da população LGBTQ+ e das mulheres, ao associar esses direitos à sexualização de crianças e à falta de respeito com crenças religiosas (RESENDE *et al.*, 2019).

À vista disso, neste artigo, buscamos averiguar como a comunidade LGBTQ+ e a “ideologia de gênero” são acionadas nesses espaços, bem como de que modo as

orientações sexuais e identidades de gênero desviantes do padrão cisheteronormativo são chaves para a produção de pânico moral. Assim, inquiremos: (P1) Nos grupos bolsonaristas, há circulação de mensagens sobre a população LGBTQ+ e “ideologia de gênero”?; (P2) o teor das mensagens acionam o pânico moral?

Para tanto, investigamos mensagens circuladas em grupos bolsonaristas, no WhatsApp, entre setembro de 2020 e março de 2021. A análise é operacionalizada a partir da revisão bibliográfica e da análise de conteúdo qualitativa. Entendemos que a população LGBTQ+, bem como as pautas que orbitam a comunidade, são acionadas pela direita bolsonarista, induzindo ao pânico moral, sobretudo, pela associação ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao comunismo. Desse modo, há o reforço de ideais de exclusão e de estereótipos sobre aqueles que desviam de um modelo de vida cisheteronormativo, muito caro à direita conservadora, especialmente aos bolsonaristas.

2. Conservadorismo conectado

Durante sua trajetória política, Bolsonaro cultivou uma retórica populista e inflamou o debate pautando-se em apelos morais e conservadores. Importante destacar que, em 2010, Bolsonaro tornou-se figura notável nacionalmente ao posicionar-se contra o que chamou de “kit gay”, termo estrategicamente utilizado por ele para se referir a um conjunto de materiais educativos, desenvolvidos em 2008, que comporiam a ação “Escola Sem Homofobia”, uma parceria entre a ECOS – Comunicação em Sexualidade, uma ONG paulista, e o Ministério da Educação (MEC) (ROMANCINI, 2018). Em um discurso na Câmara dos Deputados, em 2010, Jair Bolsonaro proferiu inverdades sobre o tema, ao dizer que o material tinha o objetivo de estimular crianças “ao homossexualismo, à promiscuidade” (BALIEIRO, 2018). Em 2011, em uma barganha com grupos religiosos e conservadores, Dilma Rousseff suspendeu o material didático, dizendo que seu governo não iria fazer “propaganda de opções sexuais”, reforçando o estigma negativo e o pânico moral criados sobre a ação (*idem*).

Ao participar de diversos programas populares da TV aberta brasileira (SANTOS, 2019), sendo o CQC (Band) e o Pânico na TV (Rede TV/Band) os casos mais proeminentes, Bolsonaro tornou-se um símbolo da luta antissistema. Em um artigo de opinião publicado na Folha de S. Paulo, em 2014, sob o título *Censura escancarada*³, Jair Bolsonaro apresentava indícios do que viria a ser os pilares do bolsonarismo, uma vez que, o então deputado federal, tomava para si a missão de herói salvador ao expor o PT como responsável pelas mazelas do país. Entendemos que Bolsonaro aglutinou, em sua imagem pública (WEBER, 2017; GOMES, 2004), aspectos cruciais para o conservadorismo brasileiro emergente após 2013, isto é, apresentando-se como liberal na economia e conservador nos costumes. Nesse sentido, o antipetismo foi o principal pilar de sua narrativa populista, fundamental para conquistar adeptos de diversas faixas etárias e classes sociais.

O descrédito e a criminalização do PT veio também por parte dos novos atores que ganharam protagonismo após Junho de 2013, como o Vem Pra Rua (VPR) e o Movimento Brasil Livre (MBL). O VPR utilizou as demandas conservadoras de 2013 para propagar o antipetismo, já o MBL operacionalizou um modelo de comunicação populista, com “estilo provocador” e “linguagem jovial e popular” (SANTOS; CHAGAS, 2018, p. 197). Para o MBL, a democracia brasileira estava sob ataques perpetrados por figuras de esquerda, professores, pela comunidade LGBTQ+, e outros grupos marginalizados. Sendo assim, o antipetismo ganhou força, calcado em um agenda conservadora, movida por um sentimento de frustração e ressentimento (SOUZA, 2019). Na esteira dessa conjuntura, o então deputado federal Jair Bolsonaro cristalizou sua imagem pública como empreendedor moral (MACHADO e MISKOLCI, 2019).

A moral, nitidamente por meio das ações do MBL, do posicionamento de Bolsonaro e da mídia evangélica, ganhou protagonismo no debate público, principalmente pela associação entre o PT e assuntos sensíveis, como o aborto e os direitos LGBTQ+, pautas caras aos conservadores da bancada do Boi, Bala e Bíblia

³ Jair Bolsonaro: Censura escancarada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2014/04/1434943-jair-bolsonaro-censura-escancarada.shtml>. Acesso em 23 set. 2020.

(MAZIEIRO, 2019). À luz do observado, nos Estados Unidos, sobre a instrumentalização da internet e das mídias sociais pela *alt-right* (NAGLE, 2017; LAMERICHS *et al.*, 2018), as forças sócio-políticas conservadoras da direita brasileira encontraram no WhatsApp um espaço propício para a propagação de suas pautas a favor da família tradicional e da moral judaico-cristã.

Percebemos os efeitos da moral religiosa sobre a política quando mesmo com o termo “ideologia de gênero” não aparecendo nenhuma vez nos planos de educação ou nos estudos de gênero, além de nunca ter sido usado pelas ciências humanas, ele passa a ser recorrentemente instrumentalizado por setores da sociedade que desejam conquistar o apoio conservador. Com origem em um documento do extinto Pontifício Conselho para a Família, desde 1999 a expressão “ideologia de gênero” é utilizada como estratégia discursiva por grupos conservadores e religiosos, com o objetivo de impor barreiras ao avanço dos direitos reprodutivos e sexuais (CLÉBICAR; BRASILIENSE, 2020; LIONÇO *et al.*, 2018).

Segundo Miskolci e Campana (2017), o campo discursivo de ação contra a “ideologia de gênero” aglutina católicos e neopentecostais inclinados à direita do espectro político. À vista disso, empreendedores morais que atuam contra a “ideologia de gênero” apresentam interesse em afastar os movimentos feminista e LGBTQ+ da elaboração de políticas públicas cujos objetivos visam modificar as estruturas do Estado, historicamente masculinas e cisheterossexuais. Desse modo, o Estado fica “refratário às demandas de emancipação feminina e de expansão de direitos e cidadania àqueles e àquelas que consideram ameaçar sua concepção de mundo tradicional.” (MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p. 743).

3. WhatsApp e a capilarização do bolsonarismo

Lançado em 2009, o WhatsApp Messenger é utilizado para enviar mensagens de texto, fotos, vídeos, documentos, mensagens de voz e fazer chamadas por meio de uma conexão com a internet. Protegidas por criptografia, as mensagens podem ser enviadas a contatos individuais, a grupos com até 256 participantes e a listas de transmissão. Em 2018, cerca de 120 milhões de brasileiros utilizavam a plataforma

(SANTOS, 2019); hoje, estima-se que o aplicativo esteja presente em 99% dos *smartphones*.⁴

Como observado em países da África e do sul da Ásia, em 2018, o WhatsApp protagonizou a campanha presidencial no Brasil e passou a ser compreendido como um forte instrumento de engajamento. Grupos de WhatsApp pró-Bolsonaro motivaram, mobilizaram e transformaram seus integrantes em ativistas do bolsonarismo. Na plataforma, os grupos bolsonaristas passaram a significar um refúgio para brasileiros comuns que não confiavam na grande mídia, bem como um espaço seguro, protegido pela criptografia, para o compartilhamento de conteúdos e opiniões.

Nesses espaços, Seufert *et al.* (2016) indicam a existência de poucos *superposters* em comparação com a maioria de usuários passivos, aspecto observado por Chagas *et al.* (2019) em grupos pró-Bolsonaro. Sendo assim, tratando-se de propaganda computacional (WOOLLEY; HOWARD, 2019), há, no WhatsApp, um misto de trabalho pago e voluntário, com estrutura descentralizada (CRUZ; VALENTE, 2018). Esse é o cenário sobre o qual, há anos, as redes bolsonaristas vêm se formando no WhatsApp, culminando com a proeminência adquirida na campanha presidencial de 2018.

Ao focar em grupos no aplicativo de mensagens, a campanha de Bolsonaro inovou: um relatório do centro de pesquisa *Internet Lab*, sobre a campanha de Jair Bolsonaro, mostrou “(i) um esforço distribuído, capilar e voluntário visivelmente maior do que seus adversários em termos de campanha positiva e (ii) de uma visibilidade ‘viral’ da sua figura na internet” (CRUZ; MASSARO, 2018, p. 18). A arquitetura opaca da plataforma contribuiu para que as estratégias de comunicação fossem efetivas – como os disparos em massa com financiamento ilegal (NALON, 2018; MELLO, 2018) e a propagação de desinformação⁵ –, uma vez que, mesmo com pouco mais de 1%

⁴ WhatsApp alcança presença recorde em 99% dos smartphones no Brasil. Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/noticias/27/02/2020/whatsapp-alcanca-presenca-recorde-em-99-dos-smartphones-no-brasil>. Acesso em: 25 nov. 2020.

⁵ O conceito de desinformação está sob constante disputa e negociação, sendo, inclusive, objeto de investigações teóricas e empíricas. Neste trabalho, entendemos a desinformação como um fenômeno complexo, operacionalizado por motivações de diversos âmbitos, cujo efeito sobre o debate na esfera

do tempo do horário eleitoral gratuito na TV (RAMALHO, 2018; MACHADO, 2018), Bolsonaro foi o vencedor do pleito.

Ademais, uma análise mais apurada sobre o *modus operandi* desses grupos mostrou uma estrutura de rede, semelhante a sites de rede social, com a presença de clusters decorrentes da presença de membros em comum entre os grupos (RESENDE *et al.*, 2019), e poucos membros responsáveis pelo envio ou encaminhamento da maioria dos conteúdos trocados, de modo que poucos membros desempenham o papel de ponte entre dois ou mais grupos (EVANGELISTA; BRUNO, 2019), além da presença de vários grupos com participantes em comum (SANTOS, 2019). Portanto, nessa conjuntura, a opacidade do WhatsApp, que é benéfica quando pensamos na privacidade de mensagens pessoais, carrega o ônus da falta de transparência, a partir do momento em que a plataforma transforma-se em arena para o debate público.

Na eleição de 2018, o WhatsApp operou como uma fonte de imagens que espalhavam desinformação – dentre as quais, ataques aos direitos da população LGBTQ+ e das mulheres, bem como a associação desses direitos à sexualização de crianças e à falta de respeito com crenças religiosas, foram temas recorrentes (RESENDE *et al.*, 2019). Nesse sentido, o populismo digital (CESARINO, 2019) encontrou no WhatsApp um espaço profícuo para se desenvolver: a ampla penetração entre a população – endossada pela prática de zero-rating (EVANGELISTA; BRUNO, 2019) e pela criptografia de ponta-a-ponta – garantiu ampla capilarização da rede bolsonarista. Além desses fatores, durante o pleito de 2018, a desinformação⁶ e a difusão de notícias falsas fluíram e ganharam visibilidade de forma exponencial em

pública é nocivo. Informações inteiramente falsas, parcialmente falsas ou fora de contexto, por exemplo, podem implicar em desinformação. No entanto, de acordo com Vraga e Bode (2020), salientamos que a ciência e o conhecimento existem em fluxo, sendo assim, para medir a desinformação é necessário compreendermos as evidências, as crenças dos especialistas e do ambiente por onde uma informação circula.

⁶ Devido às críticas após o pleito de 2018, o WhatsApp respondeu com algumas iniciativas. Desde abril de 2020, mensagens marcadas como "frequentemente encaminhadas" só podem ser repassadas a um contato por vez; tais mensagens apresentam um ícone de lupa à direita, que, ao ser clicado, realiza uma busca no Google com o texto da mensagem. Assim, os usuários podem checar a veracidade de um conteúdo. Disponível em: <https://central.pegabot.com.br/2020/11/17/como-denunciar-uma-noticia-falsa/>. Acesso em 25 nov. 2020.

virtude da estrutura de rede policêntrica e bipartida presente nos grupos (SANTOS, 2019).

É axiomático, portanto, a compreensão acerca da disrupção na comunicação pública contemporânea decorrente da instrumentalização do WhatsApp, sobretudo, ao observarmos que o bolsonarismo se beneficia da plataforma para difundir pautas morais como estratégia de campanha permanente (NORRIS, 2002). A seguir, concentramo-nos na investigação acerca da relação entre o rumor e o pânico moral relacionados à população LGBT+, para depois examinarmos como tais aspectos são acionados em grupos bolsonaristas.

4. “Ideologia de esquerda nas escolas”

Uma leitura panorâmica sobre o corpus desta pesquisa indica uma intrincada relação entre rumor e pânico moral. Entendemos o rumor como informações não comprovadas e disseminadas em redes amplas, podendo ser sustentado ao longo do tempo, apenas adaptando-se a diferentes contextos. O rumor, ainda, emerge em contextos ambíguos, como resposta a uma ameaça ou perigo em potencial (DIFONZO; BORDIA, 2007) e, para compreendê-los, devemos considerar toda uma miscelânea de motivações complexas e pessoais pelas quais são atravessados (KNAPP, 1944). Tensão, desconfiança e ambiguidade são elementos que sustentam os rumores (STEWART, 2004), notadamente quando eles são instrumentalizados a fim de solucionarem problemas, de modo que a resolução dada a determinada problemática acaba contaminada por afetos e visões de mundo pessoais.

Como as orientações sexuais e as identidades de gênero que desviam do padrão cisheteronormativo são encaradas como ameaças, a circulação de rumores sobre esses assuntos está alinhada com a propagação de pânico moral. Destacamos a amplificação do desvio como um fator fundamental para a criação do pânico moral, construído periodicamente pelas sociedades quando estas sentem que seus valores e interesses estão ameaçados por uma pessoa ou um grupo (COHEN, 1972). Assim, o pânico moral é instituído como uma reação do corpo social – ou de parte dele – a algo perturbador e potencialmente perigoso, endossado por empreendedores morais e pela transformação de heróis em vilões (*idem*).

À vista disso, é indubitável que o avanço recente dos movimentos de direita e de Bolsonaro foi ancorado em pânico moral acerca das pautas concernentes ao reconhecimento das diferenças de gênero e sexualidade, compreendidas como desvios à norma cisheteronormativa. As manifestações contrárias ao *Queermuseu – Cartografias da Diferença na arte brasileira* e à performance *La Bête*, de Wagner Schwartz, capitaneadas pelo MBL, e a perseguição à Judith Butler (BALIEIRO, 2018) são exemplos contemporâneos que ilustram como a “erotização infantil”, a “pedofilia” e a “zoofilia” são comportamentos deliberadamente associados aos setores progressistas da sociedade, com o objetivo de imputar a estes uma conduta criminosa e desviante, e, com efeito, estimular o pânico moral.

Judith Butler foi perseguida por ser a principal representante da chamada “ideologia de gênero”, contra a qual grupos conservadores, religiosos, católicos e evangélicos, liderados por empreendedores morais, se erigiram em uma espécie de cruzada moral, contrária a uma “presumida indução à homossexualidade, à pedofilia e até mesmo ao comunismo” que seria perpetrada, sobretudo, nas escolas (BALIEIRO, 2018, p. 9). Nesse sentido, o Movimento Escola Sem Partido (ESP) nasceu, segundo Miguel (2016), em decorrência do senso de oportunidade de seu criador. Existente desde 2004, a proposta, que visava combater a “ideologia de gênero” e a “doutrinação ideológica” nas escolas brasileiras, foi apresentada à Câmara dos Deputados, como um Projeto de Lei em 2015⁷ – momento em que o ESP adotou a pauta moral, na esteira da ascensão da direita conservadora. Em relação ao PL, em maio de 2016, Bolsonaro proferiu em discurso:

para encerrar, quero cumprimentar V.Exa., autor do Projeto Escola sem Partido, que estamos debatendo na Comissão de Educação da Câmara dos Deputados. Agora, enquanto debatemos esse tema, os livros do MEC – e tenho aqui vários livros – já impõem essa ideologia de esquerda nas escolas, entubam as crianças, pregam que o socialismo é uma maravilha. E mais: agora perderam a noção do ridículo.⁸

⁷ PL 867/2015. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1050668>. Acesso em 26 de novembro de 2020.

⁸ Disponível em: <https://cutt.ly/5hd1ZW9>. Acesso em 26 de novembro de 2020.

O livro citado por Bolsonaro é pertencente ao estrategicamente apelidado por ele de “kit gay”, que seria um instrumento de doutrinação da “ideologia de gênero” – chaves acionadas para correlacionar as pautas concernentes à comunidade LGBTI+ à esquerda, alimentando o antipetismo e delimitando um inimigo o qual precisa ser combatido. Para essa missão de combate, Bolsonaro, como observamos nas sessões anteriores deste trabalho, despontou como o principal líder, propagando seus ideais, sobretudo, no WhatsApp.

Após a posse de Bolsonaro, em 2019, observamos nos grupos bolsonaristas presentes no aplicativo de mensagens o sistemático reforço de ideais de exclusão e estereótipos sobre aqueles que desviam de um modelo de vida cisheteronormativo. Em consonância com falas e ações do Governo Federal⁹, há um contínuo fomento de um imaginário que conecta as pessoas LGBT+ ao que é vil e degenerado. Sendo assim, a seguir analisamos como a “ideologia de gênero” e a comunidade LGBT+ são acionadas nos grupos bolsonaristas.

5. Conservadores em pânico

Considerando as limitações e os desafios metodológicos amplamente difundidos pelo arcabouço teórico referente a investigações no WhatsApp (CHAGAS et al., 2019; RESENDE et al., 2019; CAETANO et al., 2019; GARIMELLA; TYSON, 2018), esta pesquisa monitorou grupos pró-Bolsonaro, encontrados a partir de links públicos que circulam nas mídias sociais ou em sites indexados ao Google. Em um primeiro momento, com o objetivo de reunirmos um número considerável de grupos, empregamos o método “bola de neve”, resultando em um total de N=70.

Em seguida, após entrarmos nos grupos, com um aparelho *smartphone* destinatário, prosseguimos com a pesquisa encoberta, uma vez que, à luz de Chagas et al. (2019), entendemos que tais grupos representam ambientes hostis às pesquisas acadêmicas das Ciências Humanas e Sociais. Empreendemos a observação empírica e a exportação manual de todo o conteúdo postado entre setembro de 2020 e março

⁹ Governo Bolsonaro: um ano de ataques à comunidade LGBT+. Disponível em: <https://blogdacidadania.com.br/2019/12/governo-bolsonaro-um-ano-de-ataques-a-comunidade-lgbt/>. Acesso em: 02 abr. 2021.

de 2021, formando um *dataset* de dados brutos. A partir do *dataset*, utilizando expressão regular (regex) no Notepad++, extraímos todas as mensagens postadas que continham os termos: ideologia de gênero; LGBT; lésbicas(s); Gay(s); Bissexual; Bissexuais; Transexual; Transexuais; e Travesti(s).

Entendemos que para esta etapa da pesquisa, ainda incipiente, a análise de conteúdo quantitativa não seria frutífera, haja vista o ambiente opaco dos grupos de WhatsApp. Dessa forma, após a limpeza do *dataset* de dados brutos, registramos 545 mensagens com os termos pesquisados, todavia, esse número não é exato. Em muitos casos os textos das mensagens não são postados em um único bloco, mas fragmentados em diversas linhas, além de que o raciocínio pode ser completado por *emojis*, figurinhas e outros recursos disponíveis pelo WhatsApp. Sendo assim, optamos pela análise de conteúdo qualitativa, pois uma leitura atenta sobre as mensagens implica em respostas mais coesas para as problemáticas que norteiam esta pesquisa.

Com a operacionalização metodológica, buscamos aferir como a “ideologia de gênero” e a população LGBT+, bem como as pautas que orbitam a comunidade, são acionadas pela direita bolsonarista, induzindo ao pânico moral, sobretudo, pela associação ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao comunismo. A princípio, como já foi observado por Chagas *et al.* (2019), notamos que nesses grupos são realizados poucos diálogos. Os grupos funcionam mais como repositório de links, imagens e vídeos, além de ser um espaço para comentários, em alguma medida espontâneos, que até podem dialogar entre si. Dificilmente notamos debates aprofundados, todavia, certamente há um clima de opinião.

Em relação aos temas concernentes à orientação sexual e identidade de gênero, aferimos que essas pautas apresentam uma certa constância, contudo, ganham proeminência em momentos específicos – como quando o Supremo Tribunal Federal (STF) colocou em pauta a ação do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), ou ADI 5668, que pedia uma análise do Plano Nacional de Educação, com o objetivo de coibir discriminações por gênero, por identidade de gênero e por orientação sexual nas

escolas, o que foi visto pelos conservadores como uma tentativa da esquerda implantar a “ideologia de gênero” no ambiente escolar.

Após a limpeza do *dataset*, formamos um *corpus* com N=545 mensagens, dentre as quais “ideologia de gênero” apresentou N=431 ocorrências; LGBT, N=339; LGBTs, N=11; Lésbica, N=9; Lésbicas, N=22; Gay, N=269; Gays, N=119; Bissexual, N=10; Bissexuais, N=1; Transexual, N=28; Transexuais, N=1; Travesti, N=80; Travestis, N=37.

Ao lançarmos luz sobre as mensagens coletadas é possível depreender as chaves retóricas utilizadas por conservadores quando estes desejam se referir às orientações sexuais e identidades de gênero que desviam do padrão cisheteronormativo. Nos dias que antecederam o julgamento pelo STF da Ação Direta de Inconstitucionalidade impetrada pelo PSOL, mensagens circuladas nos grupos pró-Bolsonaro apelavam para termos como “maldito”, “imoral” e “antro de drogados” para referirem-se ao partido psolista. Destarte, a interpretação conservadora sobre a ADI 5668 a compreendia como uma forma de reintroduzir de modo compulsório a “ideologia de gênero” nos planos de educação em todo o país, como indica essa amostra:

Esclareçam aos membros de sua igreja e a todas as famílias que toda sociedade brasileira precisa se mobilizar, pois se a ADI 5668 for aprovada pelo STF nunca mais poderemos retirar a ideologia de gênero dos currículos, nem por meio de Emenda nem de uma nova lei, pois será considerada inconstitucional. Se for aprovada crianças desde a primeira infância serão ensinadas que elas podem escolher ser homem ou mulher, serão doutrinadas e terão sérios problemas em sua identidade, assim como podemos constatar em países que já adotaram (sic).

Notamos que ao STF é imputada a ideia de que os juízes praticam um “ativismo judicial”, em conluio com “a esquerda” e “os globalistas”. Desse modo, o STF é considerado um inimigo daqueles que são “a favor da família” e contra a “ideologia de gênero”, visto que “escola não é lugar pra incentivar a criança a sua opção sexual ou de vida. Cabe a família e a própria pessoa (sic)”. Há também uma incisiva defesa da “moralidade e da ética” em oposição aos que defendem “a depravação”.

Ainda em relação ao STF e juízes em geral, algumas mensagens apresentam um tom mais colérico, indicando que “essa corja” precisa ser “executada pelo povo”,

uma vez que a “pauta LGBT” é por eles “forçada goela abaixo do povo de bem (sic)”. À vista disso, é notável a ampliação do desvio, uma vez que a leitura feita pelos conservadores é que de fato seus valores estão ameaçados por serem supostamente obrigados a “engolir” as pautas LGBT+.

Salta aos olhos a associação feita entre o comunismo e a pedofilia – em alguns casos, somando-se ao estupro de bebês. Nomes de famosos, como os dos irmãos Felipe Netto e Lucas Netto, e de políticos, como Marcelo Freixo, são acionados para endossar que quem apoia o comunismo quer “implantar a pedofilia”. “Eles até criaram um novo título para Pedófilo que se chama PAM(pessoas que amam crianças)com esse nome ‘pompôso’,a esquerda Comunista brasileira quer corromper os adultos para legalizar e ser aceito como normal (sic)”, diz uma das mensagens do corpus.

Sendo assim, a mobilização da pedofilia legitima o discurso dos conservadores enquanto uma reação a algo que é perturbador. É por isso que o lançamento de um livro infantil com temática LGBT+, escrito pela apresentadora Xuxa Meneghel¹⁰, é tido como prova desse conluio entre comunistas e pedófilos, uma vez que a “temática LGBT” seria uma das bandeiras defendidas por esses grupos. Assim, a doutrinação de crianças e jovens é vista como parte fundamental desse plano:

A Esquerda Comunista do Brasil e do resto do mundo não estão brincando.Essa gente não tem um pinga de escrúpulo,pois são capazes de tudo por amor ao Poder e ao dinheiro.Vamos reagir contra tudo isso,pois nossas crianças e jovens merecem um Brasil melhor,um mundo melhor,e isto se faz é com decência e ordem,e não com patifaria (sic).

Ainda no âmbito das celebridades, a suposta candidatura do apresentador Luciano Hulk à presidência é vista como uma ameaça às crianças, jovens e adolescentes. De acordo com uma das mensagens, se ele se tornar um “representante do povo”, a nação será transformada em um espaço aberto aos estrangeiros que desejarem utilizar o país para praticar “todos os tipos de orgias e

¹⁰ A apresentadora é constantemente associada à pedofilia por conta do filme Amor Estranho Amor (1982), dirigido por Walter Hugo Khouri. Na película, Xuxa que à época das gravações tinha entre 17 e 19 anos interpreta Tamara, personagem que protagoniza uma cena erótica com Hugo, uma criança interpretada por Marcelo Ribeiro. De acordo com Xuxa, o filme “fala de uma coisa muito atual, que é a exploração infantil (...) Não é minha realidade, mas é a realidade de muita gente. Então, antes de as pessoas me criticarem, elas deveriam saber que isso existe, diariamente, nesse país e no mundo todo, mas, principalmente, nesse país.” (PELLEGRINI, 2021).

pedofílias e estupros, regados a muitas drogas e bebidas ao lado das nossas crianças e adolescentes e jovens (sic)". A mensagem fecha seu raciocínio com "Nao! A legalização do aborto. 😞 Não! A ideologia de gênero nas escolas. 😞 Nao! A legalização das drogas (sic)".

Apesar do controverso histórico de Luciano Hulk em relação à política brasileira, notamos que mensagens desse cunho tem como objetivo associar qualquer figura que esteja à esquerda de Bolsonaro¹¹, ou que em alguma medida defenda ideias progressistas, à pedofilia, ao estupro e às drogas. Destarte, como examinamos na reflexão teórica, tais assuntos são propositadamente associados aos setores progressistas da sociedade, com o objetivo de atribuir a eles um comportamento criminoso e desviante, e, dessa maneira, estimular o pânico moral. Ainda no âmbito midiático, a Rede Globo é apontada como inimiga primordial dos conservadores, visto que a companhia "não é uma empresa de jornalismo, é um grupo criminoso formado por drogados, prostitutas, travestis, pedófilos e vagabundos que conspiram 24 horas contra o Brasil."

Nesse sentido, corporações que nos últimos anos vêm apresentando valores progressistas em ações de marketing também são consideradas inimigas, como a empresa de cosméticos Natura: "Enriqueceu faturando a 'defesa' da Amazônia, dos povos indígenas, da biodiversidade, da ideologia de gênero, do relativismo moral e toda a pauta da estratégia da revolução cultural marxista! (sic)". Em alguma medida esse argumento dialoga com ideais de esquerda, visto que é patente que grandes companhias vêm utilizando pautas, como as de orientação sexual e de identidade de gênero, com objetivos mercadológicos. Contudo, a crítica conservadora soa inócua, pois além de citar a inexistente "ideologia de gênero", não constata a impossibilidade de uma grande corporação capitalista estar alinhada de alguma forma com uma eventual revolução.

¹¹ Ao considerarmos Bolsonaro como um político representante da extrema-direita, é possível entendermos o porquê do presidente e seus apoiadores considerarem como "esquerda" todos que fazem oposição a ele, isto é, à esquerda dele no espectro político.

Ainda sobre a ligação entre o capitalismo e as pautas progressistas, outro argumento conservador encontrado é que após os anos 1960, com a difusão das ideias da Escola de Frankfurt e de Antonio Gramsci, “o comunismo se tornou um instrumento do grande capital”. De acordo com esse raciocínio, a revolução proletária foi substituída pela “revolução das mulheres, dos gays, dos drogados”, pautas que tendem a “prosperar dentro do capitalismo”, sendo esta a explicação para o apoio de empresas capitalistas às causas progressistas: “Para toda besteira feminista, toda besteira gayzista, toda besteira ecológica... chove dinheiro. Será que os capitalistas ficaram loucos? Não, eles sabem o que estão fazendo. Hoje eles são os donos da esquerda (sic).”

É interessante notar que esse argumento, ainda que por motivações antagônicas, está alinhado em alguma medida com o que é defendido, por exemplo, pela esquerda marxista quando critica a chamada esquerda identitária, haja vista que uma das críticas está ligada à cooptação das pautas progressistas por grandes corporações com o intuito de atingir o objetivo-mor do capitalismo, isto é, o lucro. Dessa maneira, causas importantes podem ser esvaziadas, já que nesse processo interesses comerciais são privilegiados em detrimento de qualquer transformação efetiva.

5.1 Projeto sujo e maléfico

Nossa análise avança identificando que partidos como PT, PSOL, PSB, PDT, PCO, PSTU, REDE, PCdoB e PV são encapados sob o mesmo rótulo de “esquerda comunista”, de modo que o “modelo político” apresentado por eles representa um “projeto sujo e maléfico de destruição da família brasileira, onde estão impondo através de Lei nas escolas, aulas de ideologia de gênero (sic)”.

A “ideologia de gênero” é considerada como uma jogada de Satanás, por ser um mal “pernicioso” o qual imputa “graves consequências ao corpo e o Espírito de todo Cristão (sic)”. Entre essas consequências está a destruição dos “princípios da lei de Deus que são a base ética e moral da humanidade (sic)”, uma vez que a “ideologia de gênero” desconstrói a moral e o espírito, degradando as faculdades intelectuais da criação de Deus. Portanto, a crise de identidade imputada sobre aqueles influenciados

pela “ideologia de gênero” faz parte de uma conspiração satânica que tem como objetivo provocar “crise de identidade no ser humano principalmente as novas gerações que são nossos filhos (sic)”.

Elementos do pânico satânico (PHILLIPS; MILNER, 2021) se fazem presentes, uma vez que a “sociedade cristã/judaica” é tida como vítima dos “engodos de satanás”. “O uso de drogas, a destruição da família, o ateísmo, o satanismo, o movimento LGBT” são comumente utilizados como aspectos equivalentes e complementares, isto é, a população LGBT é demonizada por meio de associações com elementos considerados deletérios pelos conservadores, como a descrença em Deus, adoração a Satã e os efeitos nocivos do uso de substâncias entorpecentes. O senso comum acerca da “ideologia de gênero” é expresso em mensagens que tratam a transexualidade como uma simples escolha atrelada a consequências nefastas.

HOMEM PODERÁ PARTICIPAR DE ESPORTE DE MULHER SE ELE DISSER Q É MULHER TRANS (TRAVESTI) , ESPECIALISTAS DIZEM Q O ESPORTE FEMININO PODE ACABAR, POIS HOMENS IRÃO COMPETIR CONTRA MULHERES E TODOS SABEM Q HOMENS TEM MAIS RESISTÊNCIA FÍSICA E FORÇA,POR ISSO EXISTE ESPORTES FEMININO E MASCULINO SEPARADOS (sic).

A desinformação e as *fake news* também são mobilizadas a fim de corroborarem com a narrativa expressa nesses grupos acerca de uma conspiração para destruir a família. Uma análise mais atenta sobre esse aspecto, bem como uma discussão sobre o fenômeno da desinformação, fugiria do escopo desta pesquisa, todavia, um dos exemplos extraídos demonstra o *modus operandi* em prol da produção de pânico moral por meio da circulação de informações desencontradas ou totalmente falsas¹²:

TAbu do Incesto olhem que mentes doentes 😡 Agora não escondem mais! Vejam, Erica Kokay, deputada federal do DF reeleita pelo PT, perde a vergonha e faz um grande favor para todos nós. Em palestra no sindicato dos trabalhadores em educação no Paraná ela confessa, orgulhosamente, que a esquerda SEMPRE teve como objetivo a destruição da família. A ideologia de gênero, nada mais é do que um instrumento para destruição da família, onde se cria nova sociedade anárquica e incestuosa, que se opõe ao acúmulo de capital da família patriarcal, desta forma desmorona a ordem e a hierarquia de classes (sic).

¹² Deputada Érika Kokay defende incesto e fim da família em palestra #boato. Disponível em: <https://www.boatos.org/politica/erika-kokay-defende-incesto.html>. Acesso em 27 abr. 2021.

Apesar dos elementos concernentes ao pânico moral permearem de modo direto ou indireto grande parte das mensagens do corpus, os exemplos mais explícitos são aqueles que acionam os termos “ideologia de gênero” e LGBT(s); os termos “bissexual” e “bissexuais”, por exemplo, quase não aparecem, e quando acionados não carregam explicitamente aspectos que implicam em pânico moral. Existem muitas mensagens postadas como comentários. É o caso de “praticamente para ser herói nós quadrinhos e nos gibis tem que ser gay ou lésbica” ou “lésbica espanca namorada por causa de mensagens”, postagens que provavelmente eram acompanhadas por link ou imagem. Outros exemplos dizem: “Com PSOL e PT, seminário LGBT na Câmara exalta ‘criança transexual’”; “Deputado do PT quer obrigar empresas a contratar trans e travestis”; “Disney estreia primeiro personagem bissexual em série animada sobre feitiçaria”.

Fica evidente a presença de mensagens informativas sobre transexuais e travestis mortas ou envolvidas em crimes: “Brasil teve 175 assassinatos de transexuais em 2020”; “PM mata travesti com tiro no peito e destrói portão de motel ao fugir”; “A cada 2 dias, 1 mulher transexual foi assassinada no Brasil em 2020”; “O travesti Pablio Vittar fez um clipe incentivando a criminalidade e q fala sobre bruxaria usando as nadegas (sic)”; “Travesti é morta após receber golpe de punhal no peito, em Manaus”.

Especialmente sobre as mensagens que informam sobre as mortes de transexuais e travestis, dada a miscelânea de mensagens analisadas neste trabalho, acreditamos que tais postagens tenham um caráter de ratificar a violência sobre os corpos trans como justiça divina, sendo a morte e o crime, de acordo com uma visão de mundo conservadora, o destino indefectível para essas pessoas. Não há uma reflexão crítica sobre como a propagação de preconceitos e estigmas implica em mortes, geralmente violentas, de transexuais e travestis. A presença desse conteúdo nos surpreendeu, de modo que uma investigação aprofundada, em futuras pesquisas, pode apontar as intenções ou as retóricas em torno dele. Há, ainda, mensagens que se pretendem humorísticas, como “travesti invade culto e, na frente dos fiéis, cobra do

pastor o programa que fizeram” ou “após quatro meses traindo esposa, homem descobre que a amante é o seu irmão travesti”.

As mensagens examinadas, mesmo as que não citam Jair Bolsonaro explicitamente, reforçam os valores do Bolsonarismo. Sendo assim, o pânico moral é constantemente alimentado com o objetivo de endossar Bolsonaro como um líder conservador, artifício que visa blindar o presidente das críticas que recebe durante o mandato como também pavimentar o terreno rumo às eleições presidenciais de 2022, caracterizando os grupos como um espaço de campanha permanente. Nesse sentido, como é comum na política, as mensagens analisadas revelam também a utilização das emoções e do medo (ALBUQUERQUE; GOMES, 2004) a fim de mobilizar seus interlocutores, transformando, conforme Deleuze, os afetos em instrumentos de guerra (LIFSCHITZ, 2019).

A arquitetura do WhatsApp mostra-se profícua à evocação do medo e de preconceitos. Fugiria do escopo deste trabalho avaliar a veracidade de todas as mensagens, contudo, uma visão panorâmica sobre o *corpus* nos mostra que a circulação de mensagens com informações não comprovadas e rumores impingem uma aura de ameaça e perigo em potencial sobre a população LGBTQ+. O conjunto de mensagens analisado amplifica a noção de desvio, e, com efeito, instrumentaliza rumores com o objetivo de instituir um pânico moral. De modo geral, todos os sujeitos e ideias que orbitam sobre o campo da esquerda são compreendidos como perigosos, fortalecendo a imagem de Bolsonaro enquanto um herói que luta contra maléficos vilões que desejam desvirtuar as crianças e destruir a família tradicional brasileira.

6. Considerações finais

Nos últimos anos, o cenário político brasileiro se reconfigurou drasticamente. O descrédito das instituições, o conluio entre a mídia hegemônica e o capital financeiro, bem como a emergência de movimentos, como o Vem Pra Rua (VPR) e Movimento Brasil Livre (MBL), alavancaram Jair Bolsonaro como um empreendedor moral e herói antissistema. Foi no WhatsApp que Bolsonaro construiu sua base, subvertendo o modo de realizar campanha eleitoral no Brasil. No aplicativo de mensagens, os

rumores se disseminam rapidamente, ou seja, conter a circulação de desinformação pelo aplicativo é um dos grandes desafios da primeira metade do século XXI.

Os grupos bolsonaristas no WhatsApp beneficiam-se da instantaneidade comunicacional decorrente da virtualização da vida, o que implica na alteração da velocidade de transmissão de informações, determinando uma nova temporalidade política (VIRILIO, 1996). Assim, os mais diversos dados – vídeos, links, áudios, imagens etc. – propagam-se de modo acelerado, reduzindo drasticamente o tempo de ação do adversário – termo que associa a política à guerra. É importante não cairmos em um determinismo tecnológico, haja vista que os valores da direita conservadora e bolsonarista já estavam presentes no corpo social antes do advento das plataformas sociais on-line, todavia, o ambiente digital possibilitou que o conservadorismo patriarcal e o fundamentalismo religioso criassem novas estratégias com o objetivo de angariarem capital político.

Concluimos que as pautas concernentes à população LGBTI+, como a suposta “ideologia de gênero”, balizam a identidade da direita conservadora e bolsonarista, que é baseada em uma visão de mundo binária e patriarcal, isto é, a religião exerce influência no modo como corpos e práticas desviantes são lidos. As mensagens circuladas nos grupos pró-Bolsonaro no WhatsApp endossam o pânico moral calcado na conexão entre a esquerda comunista – capitaneada sobretudo pelo PT – a “ideologia de gênero”, a pedofilia e a sexualização de crianças nas escolas. As mensagens circuladas combinam medos históricos e pressupostos de seus interlocutores, ou seja, mobilizam aspectos emocionais os quais fomentam o pânico moral. Desse modo, há o reforço de ideais de exclusão e de estereótipos sobre aqueles que desviam de um modelo de vida cisheteronormativo, muito caro aos conservadores, especialmente aos bolsonaristas.

Como aferimos, o debate acerca do “kit gay”, por exemplo, é acionado há mais de uma década por Bolsonaro e seus apoiadores para associar o PT ao que é imoral, assim sendo, o longo período de tempo pelo qual essa desinformação circula acaba por garantir autenticidade ao assunto. Ainda no campo moral, novas configurações familiares constituídas por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais são

vistas como um “projeto sujo e maléfico de destruição da família brasileira”, ou seja, fica evidente que orientações sexuais e identidades de gênero que desviam do modelo cisheteronormativo são uma ameaça à norma, e, por isso, devem ser combatidas.

As limitações metodológicas e o resultado da análise suscitam novas problemáticas a serem examinadas em investigações futuras, como o enquadramento dado a assuntos específicos – a morte de transexuais e travestis, por exemplo –, a verificação do grau de veracidade das informações circuladas, e os artefatos midiáticos – memes de internet, imagens, áudios etc. – ancorados às mensagens. À vista disso, compreendemos este trabalho como a etapa inicial de uma investigação mais profunda. Ao identificarmos a circulação de mensagens sobre a população LGBT+ e a “ideologia de gênero” nos grupos bolsonaristas no WhatsApp, fomentando o pânico moral acerca da esquerda, depreendemos que há um plano maléfico em curso no Brasil, contudo, um olhar apurado nos mostra que tal plano exhibe um contorno cisheterossexual, messiânico, branco e cristão, isto é, mais conservador que desviante.

Referências

- ALBUQUERQUE, Andréa; GOMES, Isaltina. O discurso do medo versus o discurso da esperança: A Disputa dos Sentidos Decisiva das Eleições de 2002. **Anais da XIII COMPÓS**. São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_569.pdf. Acesso em 23 set. de 2020.
- BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cad. Pagu**, n. 53, 2018.
- CAETANO, Josemar A.; MAGNO, Gabriel; GONÇALVES, Marcos; ALMEIDA, Jussara; MARQUES-NETO, Humberto; ALMEIDA, Virgílio. Characterizing Attention Cascades in WhatsApp Groups. **arXiv**, 2019.
- CESARINO, Leticia. **Populismo digital: roteiro inicial para um conceito, a partir de um estudo de caso da campanha eleitoral de 2018**. Manuscrito em desenvolvimento. 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/38061666/Populismo_digital_roteiro_inicial_para_um_conceito_a_partir_de_um_estudo_de_caso_da_campanha_eleitoral_de_2018_manuscrito. Acesso em: 30 nov. 2020.
- CHAGAS, Viktor; MODESTO, Michelle; MAGALHÃES, Dandara. O Brasil vai virar Venezuela: medo, memes e enquadramentos emocionais no WhatsApp pró-Bolsonaro. **Esferas**, v. 8, n. 4, p. 1-17, 2019.
- CLÉBICAR, Tatiana; BRASILIENSE, Danielle. “Nosso gênero vem de Deus”: normatividade heterossexual em vídeos religiosos infantis do YouTube. **Anais do XXIX Encontro Anual da Compós**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.
- COHEN, Stanley. Deviance and moral panics. In: **Cohen, S. Folk Devils and Moral Panics**. Londres: Routledge, 1972.

CRUZ, Francisco Brito; MASSARO, Heloisa. **Você na Mira – InternetLab: Relatório #2 Um raio-X do marketing digital dos presidentiáveis**, 2018. Disponível em: <https://www.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2018/09/Relat%c3%b3rio-Voc%c3%aa-na-Mira-2.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

CRUZ, Francisco Brito; VALENTE, Mariana. É hora de se debruçar sobre a propaganda em rede de Bolsonaro. **El País Brasil**, 21 out. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/opinion/1539892615_110015.html. Acesso em: 30 nov. 2020.

DIFONZO, Nicholas; BORDIA, Prashant. Defining rumor. In: DIFONZO, Nicholas; BORDIA, Prashant. **Rumor Psychology: social and organizational approaches**. Washington: American Psychological Association, 2007.

EVANGELISTA, Rafael; BRUNO, Fernanda. WhatsApp and political instability in Brazil: targeted messages and political radicalisation. **Internet Policy Review**, v. 8, p. 1-23, 2019.

GARIMELLA, Kiran; TYSON, Gareth. WhatsApp Doc? A First Look at WhatsApp Public Group Data. **Twelfth International AAAI Conference on Web and Social Media**, 2018.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

KNAPP, Robert. A psychology of rumor. **Public Opinion Quarterly**, v. 8, 1944.

LAMERICHES, Nicolle; NGUYEN, Dennis; MELGUIZO, Mari Carmen; RADOJEVIC, Radmila; LANGE-BÖHMER, Anna. Elite male bodies: The circulation of alt-Right memes and the framing of politicians on Social Media. **Participations**, v. 15, n.1, p. 180-206, 2018.

LIFSCHITZ, Alejandro. Brasil: o golpe parlamentar e a máquina de guerra. **Revista Interdisciplinária de Estudos Sociais**, n. 19, p. 59-73, 2019.

LIONÇO, Tatiana; ALVES, Ana Clara; MATTIELLO, Felipe; FREIRE, Amanda Machado. Ideologia de gênero: estratégia argumentativa que forja cientificidade para o fundamentalismo religioso. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 18, n. 43, 2018, p. 599-621.

LUNA, Juan Pablo; KALTWASSER, Rovira (eds.) **The Resilience of the Latin American Right**. Baltimore: John Hopkins University Press, 2014.

MACHADO, Caio. WhatsApp's Influence in the Brazilian Election and How It Helped Jair Bolsonaro Win. Council on Foreign Relations, 2018. Disponível em: <https://www.cfr.org/blog/whatsapps-influence-brazilian-election-and-how-ithelped-jair-bolsonaro-win>. Acesso em 30 nov. 2020.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia & Antropologia**, v. 9, n. 3, p. 945-970, 2019.

MAZIEIRO, Guilherme. Chave na eleição, bancada “boi, bala e Bíblia” agora nega apoio a Bolsonaro. **UOL News**, 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/04/30/bancada-boi-bala-biblia-governo-bolsonaro.htm>. Acesso em 30 nov. 2020.

MELLO, Patrícia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. **Folha de S. Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 23 nov. 2020.

MIGUEL, Luís Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordça no parlamento brasileiro. **Direito & Práxis**, v. 7, n. 3, p. 590-621, 2016.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, 2017, p. 725-747.

NAGLE, Angela. **Kill All Normies: Online Culture Wars from 4chan and Tumblr to Trump and the Alt-Right**. Winchester: Zero Books, 2017.



NALON, Tai. Did WhatsApp help Bolsonaro win the Brazilian presidency? **Washington Post**, 2018. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/theworldpost/wp/2018/11/01/whatsapp-2/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

NORRIS, Pippa. Campaign Communications. In: LE DUC, Lawrence; NIEMI, Richard; NORRIS, Pippa. **Comparing Democracies 2: New challenges in the study of elections and voting**. London: Sage Publications, 2002.

PELLEGRINI, Aline. A exibição de 'Amor Estranho Amor' na TV, 4 décadas depois. **NEXO**, 10 fev. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/02/10/A-exibi%C3%A7%C3%A3o-de-%E2%80%99Amor-Estranho-Amor%E2%80%99-na-TV-4-d%C3%A9cadas-depois>. Acesso em: 30 abr. 2021.

PENTEADO, Claudio Luis de Camargo; LERNER, Celina. A direita na rede: mobilização online no impeachment de Dilma Rousseff. **Em Debate: Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 12-24, 2018.

PHILLIPS, Whitney; MILNER, Ryan M. The Devil's in the Deep Frames. In: *You Are Here: A Field Guide for Navigating Polarized Speech, Conspiracy Theories, and Our Polluted Media Landscape*. Massachusetts: The MIT Press, 2021.

RAMALHO, Renan. TSE apresenta previsão do tempo de propaganda no rádio e na TV para cada candidato à Presidência. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/23/tseapresenta-previsao-do-tempo-de-propaganda-no-radio-e-na-tvpara-cada-candidato-a-presidencia.ghtml>. Acesso em: 30 nov. 2020.

RESENDE, Gustavo; MELO, Philipe; SOUSA, Hugo; MESSIAS, Johnnatan; VASCONCELOS, Marisa; ALMEIDA, Jussara; BENEVENUTO, Fabrício. (Mis)Information Dissemination in WhatsApp: Gathering, Analyzing and Countermeasures. **Anais do International World Wide Web Conference Committee**. San Francisco: ACM Press, 2019.

ROMANCINI, Richard. Do "Kit Gay" ao "Monitor da Doutrinação": a reação conservadora no Brasil. **Contracampo**, v. 37, n. 2, p. 87-108, 2018.

SANTOS, João Guilherme Bastos dos. "Mobile Networks and the Brazilian 2018 Presidential Election: From Technological Design to Social Appropriation." **Brazilian Studies Program One Pager**, 2019.

SANTOS, João Guilherme; CHAGAS, Viktor. Direita transante: enquadramentos pessoais e agenda ultraliberal do MBL. **MATRIZES**, v. 12, n. 3, p. 189-214, 2018.

SEUFERT, Michael; HOSSFELD, Tobias; SEUFERTM Anika; BURGER, Valentin.; TRAN-GIA, Phuoc. Group-based communication in WhatsApp. **IFIP Networking 2016 Conference**, 17 a 19 mai. 2016, IEEE Computer Society. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304457258_Group-based_communication_in_WhatsApp. Acesso em: 30 nov. 2020.

SOLANO, Esther. (Org.). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

SOLANO, Esther; ROCHA, Camila. (Org.). **As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

STEWART, Pamela. J. Rumor and Gossip: An Overview. In: STEWART, Pamela J.; STRATHERN, Andrew. **Witchcraft, Sorcery, Rumors, and Gossip**. New York: Cambridge University Press, 2004.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

VRAGA, Emily; BODE, Leticia. Defining Misinformation and Understanding its Bounded Nature: Using Expertise and Evidence for Describing Misinformation. **Political Communication**, v. 37, n. 1, p.136-144, 2020.



WEBER, Maria Helena. “Nas redes de comunicação pública, as disputas possíveis de poder e visibilidade.” In: WEBER, Maria Helena, COELHO, Marja Pfeifer, LOCATELLI, Carlos (Orgs). **Comunicação Pública e Política: pesquisa e práticas**. Florianópolis: Insular, 2017.

WOOLLEY, Samuel; HOWARD, Philip. Introduction: Computational Propaganda Worldwide. In: WOOLLEY, Samuel; HOWARD, Philip. **Computational Propaganda**. New York: Cambridge University Press, 2019.